

Professor: Arnin Braga

Disciplina: História da Filosofia Moderna I

Semestre: 3º de Filosofia

KANT: INTRODUÇÃO DA CRÍTICA À RAZÃO PURA

O QUE PODEMOS CONHECER? OS LIMITES DO CONHECIMENTO HUMANO

1. INTRODUÇÃO

No século XVIII, a Filosofia se encontrava em uma aporia entre racionalistas e empiristas. Conhecemos de fato por meio da razão e suas ideias inatas (como afirmavam Descartes e os racionalistas)? Ou por meio das experiências dos sentidos (como postulavam Locke, Hume e os demais empiristas)?

Quando David Hume afirma que não podemos conhecer os objetos em si, mas somente as impressões que nossos sentidos têm deles; e que este conhecimento nunca é certo, mas apenas provável (visto que não é a razão que capta a ordem no mundo, mas o hábito), a questão do conhecimento estava em perigo: pode o ser humano de fato conhecer as coisas com certeza? Ou tudo está resumido a hábito e probabilidades?

O filósofo alemão Immanuel Kant viu no ceticismo de Hume um risco. Por isso, em sua obra “Crítica da Razão Pura”, Kant se propôs a analisar minuciosamente o conhecimento humano – tanto a razão quanto a experiência dos sentidos – para assim responder as perguntas: o que podemos de fato conhecer? Quais são os limites do conhecimento humano?

2. TODO CONHECIMENTO COMEÇA COM A EXPERIÊNCIA, MAS NÃO SE ORIGINA DA EXPERIÊNCIA

O primeiro passo de Kant foi notar que a razão humana só pode postular conhecimentos a partir da experiência. No entanto, a diferença dos empiristas, ele notou que antes de qualquer experiência sensível, existem estruturas no ser humano que estão desprovidas de qualquer impressão dos sentidos e nos permitem conhecer as coisas. A estas estruturas Kant chamou de *conhecimentos a priori* ou *conhecimentos puros*, que se distinguem dos *conhecimentos a posteriori* ou *conhecimentos empíricos*.

Kant exemplifica que a experiência da extensão dos corpos que fazemos com nossos sentidos (experiência de algo grande, pequeno, largo ou estreito) só é possível de ser

conceituada porque possuímos o conhecimento “a priori” de *espaço*. A ideia pura de espaço é totalmente desprovida de conteúdo sensível, no entanto, é fundamental para organizar qualquer conteúdo sensível. Outro exemplo são as matemáticas e as ciências da natureza, que se utilizam de conhecimentos puros que garantem o entendimento dos conhecimentos sensíveis. Resumindo:

- *Conhecimentos “a priori”*: desprovidos de qualquer experiência sensível e que garantem a compreensão da mesma.

- *Conhecimentos “a posteriori”*: que se baseiam na experiência.

Todo conhecimento passa por conhecimentos “a posteriori”, mas se iniciam e são possibilitados por conhecimentos “a priori”.

3. A DIFERENÇA ENTRE “JUÍZOS ANALÍTICOS” E “JUÍZOS SINTÉTICOS”

Para Kant, a razão humana trabalha com dois tipos de juízos:

- *Juízos analíticos*: responsáveis por esclarecer, por meio de conceitos, estruturas que já existem no objeto, mas que não acrescentam nada de novo ao objeto. O princípio de identidade é um “juízo analítico”, porque afirmar que “todos os corpos são extensos”, por exemplo, é fazer um juízo analítico. Pois o conceito de “extensão” nos ajuda a entender melhor o conceito de “corpo”, mas a extensão (algo ocupar um espaço) é uma realidade que já está em qualquer corpo. Conhecemos isso pelo princípio da identidade: todo corpo ocupa um espaço. Não existe corpo que não ocupe um espaço. Logo, dizer “todos os corpos são extensos” nos ajuda a entender melhor a realidade do corpo, sem acrescentar nenhuma característica nova ao objeto. Por isso tal afirmação é um “juízo analítico”.

- *Juízos sintéticos*: explicam a junção de conceitos que não tem relação de identidade, mas sempre aparecem juntos na experiência. Em outras palavras, os juízos sintéticos acrescentam realidades novas ao objeto. Um exemplo é o *princípio da causalidade*. O efeito sempre pede uma causa, mas não necessariamente *efeito* e *causa* estão unidos por identidade. Faz-se

necessário entender essa ligação. Outro exemplo é a expressão “todos os corpos são pesados”. Na experiência, existem corpos pesados, mas o termo “pesado” não necessariamente está sempre ligado aos corpos, ou seja, não é uma característica obrigatória para que um corpo seja corpo, pois existem corpos que não são pesados. Por isso, faz-se necessário explicar essa síntese entre dois conceitos distintos que sempre aparecem juntos na experiência.

4. A SÍNTESE ENTRE RAZÃO E EXPERIÊNCIA: OS JUÍZOS SINTÉTICOS “A PRIORI”

A principal preocupação de Kant é entender como é possível à razão humana fazer essa síntese entre conceitos e experiência, razão e sentidos, ENTENDIMENTO e SENSIBILIDADE. Ou em próprias palavras de Kant: “Como são possíveis juízos sintéticos a priori?”

Todo conhecimento se dá a partir dessa síntese, mas como explicá-la? Somente a partir de uma análise TRANSCENDENTAL dos juízos

D) A FILOSOFIA TRANSCENDENTAL

Nas palavras de Kant: “*Denomino transcendental todo conhecimento que em geral se ocupa não tanto com os objetos, mas com o nosso modo de conhecimento de objetos, na medida em que ele deva ser possível a priori. Um sistema de tais conceitos denominar-se-ia filosofia transcendental*”. Em outras palavras, para Kant só será possível entender como é possível esta síntese entre razão e sentidos (ENTENDIMENTO e SENSIBILIDADE) se partirmos não de um início temporal (quem vem primeiro? Razão ou sentidos?); mas sim daquilo que possibilita qualquer forma de conhecimento (seja racional ou empírico), isto é, os conhecimentos “a priori”.

Para Kant, um “transcendental” é uma condição de possibilidade para que algo aconteça. Todo conhecimento começa com a experiência, mas para que seja possível organizar a experiência se fazem necessárias estruturas “a priori” que possibilitem isso. Que estruturas “a priori” são essas? Quais são as estruturas “a priori” que possibilitam ao ser humano organizar os conteúdos da sua experiência e dos conceitos que elabora racionalmente?

Respondendo a estas perguntas, Kant pretende – em sua obra “Crítica da Razão Pura” – delimitar até que ponto o ser humano pode conhecer a realidade de maneira segura. Vejamos como ele estrutura sua obra “Crítica da Razão Pura”.

5. A ESTRUTURA DA “CRÍTICA DA RAZÃO PURA”

Neste escrito, Kant sistematicamente divide a questão do conhecimento em três partes: Estética Transcendental, Analítica Transcendental e Dialética Transcendental. Vejamos cada parte:

Estética Transcendental: parte onde Kant se ocupará das formas puras (a priori) da SENSIBILIDADE (espaço e tempo).

Analítica Transcendental: parte onde Kant se ocupará das formas puras do ENTENDIMENTO (categorias: quantidade, qualidade, relação e modalidade)

Dialética Transcendental: parte onde Kant se ocupará das formas puras da RAZÃO. O filósofo em questão nota que existem ideias na razão que não possuem nenhum correlato com a experiência sensível, e estão além das categorias de ESPAÇO E TEMPO. São estas ideias: ALMA (eu), MUNDO e DEUS. Kant chama estes conceitos de “ideias puras da Razão”, pois elas só existem na razão humana e não possuem nenhuma correlação com a sensibilidade.

REFERÊNCIA:

DEKENS, Olivier. *Compreender Kant*. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. Editora Abril Cultural: São Paulo, 1975 (Coleção Os Pensadores)